



um feminismo decolonial

tradução
anabela carvalho caldeira
jósé alfaró

ORFEU
NEGRO

françoise vergès

Cet ouvrage a bénéficié du soutien du Programme
d'aide à la publication de l'Institut français.

Este livro beneficiou do Programa de Apoio
à Publicação do Instituto Francês.

**INSTITUT
FRANÇAIS**
Portugal

TÍTULO ORIGINAL

Un féminisme décolonial

AUTORA

Françoise Vergès

TRADUÇÃO

Anabela Carvalho Caldeira e José Alfaro

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinaaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2019 La Fabrique éditions

© 2023 Orfeu Negro

2.ª EDIÇÃO

Lisboa, Julho 2026

[1.ª ed. Janeiro 2023]

DL 566835/26

ISBN 978-989-0225-68-8

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

Nota de tradução	7
Invisíveis, elas «abrem a cidade»	11
I. Definir um campo: o feminismo decolonial	17
II. A evolução para um feminismo civilizacional do século XXI	73
Notas	133

A black and white photograph of a person's legs in jeans, with a hand holding a cigarette in the foreground. The text is overlaid on the image.

Invisíveis, elas «abrem a cidade»

Ganbemos as mulheres, o resto virá por si.

FRANTZ FANON¹

Mas a raiva, expressada e traduzida em acção, ao serviço da nossa visão e do nosso futuro é um acto de elucidação libertador e fortalecedor, pois é no processo doloroso desta tradução que identificamos as nossas aliadas, em relação às quais temos grandes diferenças, e as nossas inimigas genuínas.

AUDRE LORDE²

Em Janeiro de 2018, ao cabo de quarenta e cinco dias de greve, as mulheres racializadas que trabalham na Gare du Nord, subcontratadas pela empresa de limpeza Onet para a Sociedade Nacional dos Caminhos-de-Ferro franceses (SNCF, na sigla francesa), alcançam uma vitória sobre o seu empregador³. Estas trabalhadoras, que fazem parte de uma

mão-de-obra racializada e na grande maioria feminina, que exercem tarefas pouco qualificadas e portanto mal remuneradas, trabalham em situação de risco para a saúde, geralmente a tempo parcial, de madrugada ou à noite, quando os escritórios, os hospitais, as universidades, os centros comerciais, os aeroportos e as estações estão vazios, e em quartos de hotel depois de as/os clientes terem saído. Limpar o mundo é algo de que milhões e milhões de mulheres se encarregam, incansavelmente, todos os dias. Sem o seu trabalho, milhões de empregadas/os e agentes do capital, do Estado, do exército, das instituições culturais, artísticas e científicas não poderiam ocupar os seus escritórios, comer nas cantinas, ter reuniões, tomar decisões em espaços asseados, onde cestos de papéis, mesas, cadeiras, poltronas, chão, casas de banho e restaurantes foram limpos e postos à sua disposição. Tal trabalho, *indispensável* ao funcionamento de qualquer sociedade, tem de permanecer *invisível*. Não devemos ter consciência de que o mundo em que vivemos é limpo por mulheres racializadas e sobre-exploradas. Por um lado, esse trabalho é visto como algo que há séculos compete às mulheres (sem direito a queixas) – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. Por outro, o capitalismo cria inevitavelmente trabalho invisível e vidas descartáveis. A indústria da limpeza é uma indústria perigosa para a saúde, em toda a parte e para quem quer que nela trabalhe. Nestas vidas precárias, desgastantes para o corpo, perigosas para

a saúde, assenta a vida confortável das classes médias e o mundo dos poderosos.

A vitória das trabalhadoras da Gare du Nord é significativa porque evidencia a existência de uma indústria em que se combinam racialização, feminização, exploração, riscos para a saúde, invisibilidade, subqualificação, baixos salários, violência e assédios sexuais e sexistas. No entanto, em Janeiro de 2018, o que faz notícia de primeira página nos meios de comunicação, em França e no estrangeiro, o que provoca debates e controvérsias, petições e contra-petições, é o artigo de opinião assinado por um conjunto de cem mulheres (incluindo Catherine Millet, Ingrid Caven e Catherine Deneuve) que denuncia o «ódio aos homens» no seio do feminismo⁴. As signatárias fustigam as campanhas #Balancetonporc e #Metoo – em que algumas mulheres denunciam homens que as assediaram sexualmente –, acusando-as de serem campanhas «de delação», de «justiça sumária», visto que alguns desses homens terão sido «sancionados no exercício da sua profissão, obrigados a demitir-se, etc., quando a sua única culpa foi terem posto a mão num joelho, tentado roubar um beijo, aludido a coisas “íntimas” durante um jantar profissional, ou enviado mensagens de conotação sexual a uma mulher que não sentia o mesmo interesse». Falam de uma «vaga purificadora»⁵. Que esse artigo de opinião tenha atraído a atenção não é surpreendente. A confortável vida das mulheres burguesas em todo o mundo só é possível porque milhões de mulheres

racializadas e exploradas mantêm esse conforto fabricando-lhes as roupas, limpando-lhes as casas e os escritórios onde trabalham, tomando-lhes conta dos filhos, cuidando das necessidades sexuais dos maridos, irmãos, companheiros. Graças a isso, têm toda a disponibilidade para discutir a legitimidade ou a ilegitimidade de se ser «importunada» no metro ou de aspirar a tornar-se líder de uma grande empresa. Claro que os homens também tiram proveito da divisão Norte/Sul, e que outros homens se vêem na situação de prover ao seu bem-estar, mas, se insisto no papel das mulheres do Sul global nesta organização do mundo, é para realçar ainda mais o seu carácter revolucionário na crítica do capitalismo racial e do heteropatriarcado.